

JOSE MARQUES DE MELO (ORG.)

# COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

---

## DESENVOLVIMENTO E CRISE



Capa: Francis Rodrigues

Equipe Editorial

Coordenação: Maria Aparecida Balduino Cintra

Revisão: Josiane de Fátima Pio Romera

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Comunicação na América Latina : desenvolvimento e crise / José  
Marques de Melo, organizador ; tradutores Francisco de Assis  
Martins Fernandes ... [et al.]. — Campinas, SP : Papyrus,  
1989.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-308-

1. América Latina — Condições econômicas 2. América Latina  
— Condições sociais 3. Comunicação — América Latina 4. Co-  
municação de massa — América Latina — Aspectos sociais 5.  
Cultura — América Latina I. Melo, José Marques de, 1943-

CDD-302.2098

-303.483098

-338.542098

-338.98

89-0274

Índices para catálogo sistemático:

1. América Latina : Comunicação : Sociologia 302.2098
2. América Latina : Crises econômicas 338.542098
3. América Latina : Cultura : Influência dos meios de comunicação  
de massa : Sociologia 303.483098
4. América Latina : Desenvolvimento econômico 338.98
5. América Latina : Meios de comunicação de massa : Efeitos sobre  
a cultura : Sociologia 303.483098

ISBN 85-308-0032-X

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© M.R. Cornacchia & Cia. Ltda.

 **papyrus** EDITORA

Av. Francisco Glicério, 1314 - 2.º andar

Fone: (0192) 32-7268 - Cx. Postal 736

13.013 - Campinas - SP - Brasil

proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma  
idêntica, resumida ou modificada, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma.

## SUMÁRIO

Prefácio .....	7
1. Comunicação na América Latina: a conjuntura pós-desenvolvimento — <i>José Marques de Melo</i> .....	13
<i>Crise política e econômica</i>	
2. Imperialismo cultural, subdesenvolvimento, dívida externa — <i>José A. Benitez</i> .....	39
3. Desenvolvimento na Nova República: contradições da transição política brasileira — <i>José Nilo Tavares</i> .....	49
4. Conquistando o bem-estar social: dimensões para o novo desenvolvimento — <i>Asaac Epstein</i> .....	53
<i>Políticas nacionais de comunicação: o caso da TV</i>	
5. A televisão e o desenvolvimento nacional no México — <i>Javier Esteinou Madrid</i> .....	61
6. Para uma maior participação democrática: as reformas da TV colombiana nos anos 80 — <i>Patricia Anzola</i> .....	75
<i>Comunicação para o desenvolvimento político-cultural</i>	
7. A comunicação no projeto de uma nova cultura política — <i>Jesus Martín Barbero</i> .....	83
8. Controle político e aliança de classe no México: Miguel De La Madrid diante da comunicação — <i>Pablo Casares</i> .....	99

*Comunicação alternativa e participação popular*

9. Utopia e realidade na comunicação popular — *Washington Uranga* ..... 119
10. Participação popular: dos “fiscais de Sarney” aos movimentos sociais — *Cicilia Maria Krohling Peruzzo* ..... 131
11. Participação comunitária no Brasil: equívocos e desvios comunicacionais — *Antonio Fausto Neto* ..... 139
12. Formação de comunicadores comunitários: experiências colombianas — *Germán Muñoz* ..... 145
- Campo/cidade: integração/conflito*
13. Integração e subordinação do rural à indústria da cultura — *Valdir de Castro Oliveira* ..... 149
14. Uma novela rural: impacto de “Roque Santeiro” em duas comunidades rurais brasileiras — *Amanda Celeste Pimenta e Maria da Glória Queiroz* ..... 167
15. Comunicação rural na integração campo-cidade — *Gustavo M. Quesada* ..... 187

5.

## A TELEVISÃO E O DESENVOLVIMENTO NACIONAL NO MÉXICO \*

*Javier Esteinou Madrid*

Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Iberoamericana. Coordenador do TICOM — Universidade Autônoma Metropolitana de Xochimilco (México).

Se analisarmos o funcionamento das televisões nacionais e regionais frente à sua audiência, observamos que, salvo algumas exceções, nos últimos trinta anos, as tendências dos meios eletrônicos de informação no México, essencialmente, têm operado em função de quatro princípios de reprodução da ordem estabelecida: a lógica da acumulação de capital, a lógica de legitimação do sistema, a lógica da evasão da realidade e a lógica da atomização da consciência. Dentro desse modelo, tem-se marginalizado o emprego substantivo dos meios de comunicação para o impulso dos projetos de desenvolvimento social, que têm requerido a audiência majoritária do país durante mais de cinco décadas.

Às 7h20m da manhã de quinta-feira, 19 de setembro de 1985, as televisões nacionais mudaram drasticamente suas transmissões culturais, devido à enorme agressão da natureza sobre a cidade do México e outras populações da República — com a fúria mais violenta já registrada desde sua fundação há quinhentos anos, através de um terremoto de 8.1 graus na escala de Richter (dez mil vezes mais forte que uma explosão atômica subterrânea) —, que gerou uma profunda ruptura emocional, um enorme desastre material e uma grande perda de vidas humanas.

---

\* Tradução de Luiz Custódio da Silva — Professor do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade Federal da Paraíba (Brasil).

Em 120 segundos o saldo da tragédia deixou mais de 10 mil mortos, 5.500 desaparecidos, 7 mil feridos, 480 edifícios derrubados, 460 construções que serão demolidas, 6 mil edificações danificadas, 137 escolas afetadas, 97 cinemas e teatros prejudicados, 11 hospitais fechados, 35 mil pessoas sem moradias, 100 mil trabalhadores sem emprego, 6 milhões de habitantes sem água potável, 4 milhões sem energia elétrica, suspensão de 60% das atividades de comunicação locais e de 100% a nível nacional e internacional, impossibilidade de circular pelo centro da cidade, danificação no abastecimento de gás, vários arquivos oficiais extraviados, dezessete milhões de habitantes altamente sensibilizados etc. Em síntese, além da enorme perda de seres humanos e do forte desajuste psíquico, o terremoto deixou um prejuízo de mais de dois bilhões de pesos (aproximadamente 5 bilhões de dólares, cerca de 6% da dívida externa do país).

A partir desse momento, os meios eletrônicos de comunicação que sobreviveram, reagiram e alteraram radicalmente, por alguns dias, suas tendências e lógicas de produção da tradicional cultura de massas no Vale do México e no resto do país. Não houve tempo para esperar ajuda internacional, nem para criar cautelosamente um projeto de difusão de informação, levando as televisões e outros meios de comunicação a improvisarem um desordenado e contraditório, mas bastante útil, programa de educação e mobilização social. Tanto os meios oficiais como os privados trabalharam duramente vários dias com todo seu poder de organização em uma sólida linha de apoio social: o resgate das vítimas, a assistência aos desabrigados e a reorganização das cidades.

Aproveitando sua capacidade de relação ampliada com os receptores e ocupando os espaços de comunicação tradicionais — que momentos antes correspondiam a telefone, telégrafo e telex —, que ficaram destruídos e inutilizados em alta percentagem, converteram-se no principal sistema nervoso das cidades e atuaram como grandes agentes culturais que uniram as urgentes necessidades das pessoas que se encontravam fora do país, com o apoio de colaboração espontânea oferecida a uma infinidade de pessoas afetadas indiretamente pela catástrofe.

O projeto social emergiu e dominou imediatamente os canais de televisão, levando estes a desprezarem drasticamente outras formas culturais, que meia hora antes apresentavam programas ideologicamente antagonísticos. As estações recobram o único sentido que as justifica no país: seu caráter altamente social.

A partir desse instante, os meios audiovisuais funcionaram organicamente para vincular a informação que transmitiram com as prementes necessidades sociais, que se deviam encarar em todos os pontos cardiais da cidade e do exterior do país. A televisão e outros meios executaram um intuitivo e espontâneo projeto de educação de massas, através de um permanente fluxo de direção auditiva e visual, que governou a Capital e os Estados em situação de emergência. Nesse contexto desapareceu a informação parasitária, que predominava na atmosfera matutina até antes da tragédia; houve, de forma organizada, uma coesão da cultura de massas com as necessidades de atendimento e socorro às vítimas.

Diante dessa permanente distribuição de informação de emergência pelas emissoras de televisão e outros meios de comunicação, removeram-se os escombros da indiferença do cidadão, acumulada durante muitos anos sobre as nossas consciências. A mudança de comportamento provocou um movimento telúrico, que variou entre o medo, a histeria, a angústia, a depressão, o choro, a tristeza, a dor e o esgotamento, convertendo-se em um enorme movimento de solidiedade de todos os segmentos sociais da população.

Veio ajuda de todas as partes, especialmente da juventude, que canalizou sua vital energia no socorro aos desvalidos. Centenas de milhares de voluntários de todas as idades saíram às ruas com o objetivo de salvar vidas. A resposta foi tal que o engajamento dos jovens e da sociedade civil preencheu as enormes lacunas que deixou o ineficiente aparato burocrático do governo e ultrapassou substancialmente a ajuda que ofereceu o Estado, através de seu programa militar DN-III para casos de emergência nacional.

Apesar dos méritos do funcionamento das televisões diante de seus telespectadores, 15 dias depois do dramático acontecimento as mesmas voltaram a iludir lenta e sutilmente com suas lógicas de desenvolvimento desigual. Tendências que deveriam continuar centralizando a atenção na crua situação nacional e nos difíceis caminhos da reconstrução foram desviadas novamente para os esportes, as séries de entretenimento, as telenovelas, a publicidade, os sucessos musicais, a programação estrangeira, a propaganda institucional, os concursos juvenis, as novidades discográficas, as fantasias infantis; e a realidade fundamental da problemática nacional, exclusivamente, foi retomada, na maioria das vezes, pelos noticiários e em alguns programas especiais.

Isso significa que, depois da resposta imediata das televisões, as velhas formas de poder voltaram a ocupar seus espaços perdidos durante alguns dias. As cadeias de televisão novamente separaram o coração e a inteligência do país, que dias antes uniu em uma só expressão: a ajuda ao próximo.

Por quê? Como explicar, depois de termos vivido em setembro passado a quebra emocional, moral e psíquica mais forte dos últimos 70 anos, com dois terremotos sofridos no país, o fato de, três meses depois, em plena crise global de uma nação em que se importavam alimentos, avançava o processo de desertificação do campo, existia um déficit de 3 milhões de moradias, vivia-se uma carência diária de mais de cinco milhões de litros de leite, aumentava-se a dívida externa para financiar o desenvolvimento interno, incrementava-se a destruição ecológica e ambiental, agravava-se o abastecimento de água nas cidades, exigia-se a instalação de urgentes serviços hospitalares e educativos, carregava-se sobre os ombros milhares de danificações etc., as campanhas natalinas promovidas pelos meios de comunicação terem provocado 24 dias de distribuição de bens supérfluos, com mais de 100 bilhões de pesos em compras forçadas, das quais 10 bilhões foram em bebidas alcoólicas, 5 bilhões em aquisições de última hora, 4 bilhões em ceias de Natal e 4,5 bilhões destinados ao lixo por servirem para embalar presentes de Natal?

Porém, esse esquecimento da tragédia e de todos nós não tem sido suficiente. Há oito meses atrás, quando a crise social foi substancialmente agravado, os meios de comunicação novamente construíram um sortimento nacional totalmente afastado do sofrimento e dos problemas centrais da população: o Campeonato Mundial de Futebol.

Durante vários meses antes do início do certame, os meios de comunicação, especialmente a televisão, dirigiram toda a atenção para as equipes de futebol, o registro de gols e atuação de cada jogador, a compra de moedas comemorativas do evento, a preparação das jornadas futebolísticas, que ofereciam mais de 500 milhões de pesos, a história do evento etc.

Posteriormente, durante a realização do torneio, os meios de comunicação desviaram substancialmente, por mais de cinco semanas, as emoções, a memória, a afetividade, a energia coletiva e por suposição toda a família para: quem é quem no Campeonato Mundial; a chegada de Hugo Sanchez ao México e a convalescência de seu joelho esquerdo; a revenda de bilhetes para diferentes Estados; o alinhamento da seleção mexicana, as anotações de Maradona, Platini,

Altobelli e Rossi; a afluência ao país das 24 equipes competidoras; a instalação de diversos telões de TV na zona de Cuernavaca, o Desportivo "Los Galena" e o Batalhão de San Patricio para desfrutar o espetáculo; a exposição do "Folcklorama" internacional na cidade de Guadalajara; a vitória mexicana diante das seleções da Bélgica e Paraguai; a decepção e tristeza diante dos pênaltis frustrados de Hugo Sanchez; os festejos incontroláveis das massas nas principais ruas do Centro do Distrito Federal; os excessos, o vandalismo, os saques e abusos fanáticos celebrando as conquistas nacionais; a rebelde abertura e o emotivo encerramento do evento etc.

Diante desse fenômeno nos perguntamos: Por que como sociedade temos tido a capacidade de dispendir tanta energia sobre fatos tão irrelevantes como a Copa do Mundo, Natal, 10 de maio e muitos eventos artificiais, e não temos tido força para enfrentar, através da televisão, problemas tão graves como a contaminação ambiental que, em janeiro deste ano, quase causou centenas de mortes pelas inversões térmicas, que provocaram a redução substancial de oxigênio na atmosfera do Vale do México, onde existe seis vezes mais do que o mínimo tolerável de intoxicações; onde 70% dos residentes na Capital padecem de infecção; onde a Rede Automática de Monitor do Ambiente todos os dias registra que o letal, picante e irritante gás ozônio vai aumentando o ciclo em nossa cidade; onde 99% das autópsias praticadas no Hospital de Traumatologia de Lomas Verdes indica que os cadáveres padecem de *antarcoosis*, ou seja, carvão nos pulmões; onde sete em cada cem crianças padecem de males respiratórios adquiridos por contaminação e, em cada cinco recém-nascidos, 5% morrem por causa das substâncias que respiram?

Por que não temos enfrentado, com o mesmo entusiasmo, através da televisão, o problema da produção de alimentos, que agora nos exige importar anualmente mais de 2 mil toneladas de nutrientes para os próximos 10 anos, quando, em algumas décadas passadas, éramos um país exportador de grãos? Por que não temos enfrentado com a mesma compreensão, através da televisão, o conflito do desemprego, que hoje em dia afeta mais de quatro milhões de pessoas economicamente ativas e que determinou que, em 1985, fossem capturados nos Estados Unidos mais de meio milhão de imigrantes clandestinos, sendo que nos primeiros 5 meses deste ano tinham sido deportados pelas patrulhas fronteiriças norte-americanas mais de 330 trabalhadores braçais mexicanos?

Por que não retomamos com a mesma energia, através da televisão, a defesa de nossos bosques onde, por exemplo, nos últimos

três anos os incêndios devastaram 660 mil hectares no país, que equivalem a uma área 14 vezes maior que toda a zona florestal que existe no Distrito Federal e arredores, e cujos danos materiais se calculam em quinze bilhões de pesos (muito mais do que deixou a Copa do Mundo?) Por que não temos enfrentado radicalmente com o mesmo ânimo, através da televisão, o aceleradíssimo processo de desertificação do campo, sendo que o Estado de Michoacán, tradicionalmente uma reserva ecológica para o patamar do Centro da República, nos últimos anos mostra que 75% das suas terras foram afetadas pela erosão provocada pelo homem?

Por que faz algumas semanas que prestamos o mínimo de atenção a um processo tão importante como a reeleição de representantes no Distrito Federal, que é um processo que não está viciado com as eleições de deputados, senadores, governadores e presidente da República, e que é a organização civil mais indicada para solucionar nossos problemas numa cidade excessivamente massificada?

Por que não temos encarado com a mesma força a situação da saúde pública do país, que revela que 45% da população carece dos mínimos serviços de atendimento médico, que a maior parte dos 80 mil habitantes não conta com nenhuma assistência médica, que 29 estados da República são zonas onde há presença e infestação da malária, que no território nacional existem mais de 75 milhões de pessoas com úlcera péptica, que 30% dos partos são prematuros devido às precárias condições alienantes e que 80% da população infantil sofre de amebiasis (ameba)?

Por que não temos participado, com a mesma veemência, para evitar que, enquanto 80% dos lares mexicanos não têm possibilidade de comer carne, no Norte do país a seca e a fome provocaram a morte de seis mil reses em Sonora, 30 mil em Tamaulipas e correm o risco de morrer outras 400 mil em Saltillo, Coahuila etc.?

Acreditamos que algo muito importante, como o terremoto, nos ensinou que as emissoras de televisão podem desenvolver um projeto de impulso social, já que, quando todos os meios de comunicação trabalham em uma só direção são capazes de produzir um processo de desenvolvimento social de infinitas dimensões, suficientes para destruírem estruturas conservadoras e obsoletas no âmbito da sociedade. Aprendemos também que a conservação de um programa de promoção social, através da indústria cultural, não se mantém apenas pela presença de uma catástrofe, por mais grave que esta seja, como requer

a ação constante de novas forças e agentes sociais que orientem no futuro as instituições para esse fim.

Por isso, neste momento consideramos como prioridade principal que a frágil sociedade civil existente no país trabalhe na perspectiva de orientar o funcionamento das estações de televisão, em atenção aos conflitos centrais que dificultam nosso projeto de desenvolvimento nacional.

Pensamos que, neste período de acelerada decomposição por que atravessa nossa sociedade, o único sentido que fundamenta a existência da televisão é o de aproveitar o máximo seu grande potencial pedagógico para organizar os municípios, de forma que permita recuperar o projeto nacional perdido e amenizar a crise global que nos desintegra como nação.

É por isso que, dentro da crise global que nos rodeia hoje, é da maior importância perguntarmos: Que devem fazer as emissoras de televisão nacionais e regionais frente a seus telespectadores para impulsionar um projeto de superação nacional?

Diferente da estratégia mercadológica que concebe os consumidores como meros consumidores reais ou potenciais diferenciados por renda per capita, pensamos que as televisões devem compreender seus telespectadores como complexos setores humanos, marcados por um conjunto de problemas educativos, trabalhistas, econômicos, habitacionais, étnicos, nutricionais, lingüísticos, políticos etc., que devem resolver para garantir a sua sobrevivência. Por conseguinte, dentro dessa perspectiva, os meios audiovisuais devem situar-se como tecnologias culturais capazes de produzir informações e programas específicos, que possam gerar uma nova conscientização para enfrentar as contradições que impedem o progresso.

Em outras palavras, as televisões devem atuar como instrumentos de desenvolvimento nacional e regional, através da distribuição de conhecimentos especializados por área de conflitos, e não como empresas isoladas produtoras de uma farta carga de informação parasitária desvinculada das urgentes necessidades municipais e estaduais onde atuam.

Atualmente devemos levar em consideração que, em nosso país, frente à tradicional ação do sistema escolar e religioso, a televisão tem-se convertido na principal rede cultural capaz de mudar, com maior rapidez e agilidade, os valores, as atitudes, os hábitos e as condutas dos receptores, em uma idéia, de dirigir a cultura, no dia a

dia, em cada seis anos de governo. Isto é, a televisão se transformou na principal organizadora coletiva da história moderna do México. Por isso, é necessário analisar de que maneira as televisões estaduais podem colaborar para levar aos seus telespectadores uma concepção cultural de progresso nacional e não de retrocesso regional.

Para construir esse progresso intelectual no interior do país, há que partir do questionamento central: hoje em dia, que informação deve ser gerada pelas estações locais de televisão frente às exigências de desenvolvimento concebidas pelos telespectadores? Que mapas mentais têm que ser criados para as próximas décadas de crise nacional? Que atitudes coletivas devem orientar a população para atenuar a queda vertical do país? Que atividades culturais devem ser organizadas para resgatar a identidade regional? Que condutas grupais têm que aflorar diante do surgimento da Terceira Revolução Industrial, que mudará radicalmente a estrutura de nossa sociedade?

Até o momento podemos dizer, de uma maneira geral, que a informação elaborada e divulgada na TV nacional, basicamente surgiu de interesses espontâneos, de pressões burocráticas, das necessidades conjunturais, das "relações amistosas", de decisões, de propostas estas experimentais, de intuições "criativas", de oportunidades comerciais, "compromissos contraídos", etc., porém não emanado do exame profundo e sistemático das necessidades estruturais que enfrenta e se faz necessário para o projeto de crescimento da nação. Daí o grande abismo entre o que vem se produzindo para a televisão e as precárias condições de vida que enfrenta a maior parte da população no interior do país.

Para evitar cair novamente nesse gravíssimo desvio histórico, é imprescindível que as televisões regionais planejem de forma organizada a elaboração de seus noticiários, a partir do diagnóstico das principais necessidades que exigem solução por área de desenvolvimento da nação. Em outras palavras, através das emissoras de TV e de outros meios de comunicação devem-se produzir variados programas informativos, compreendendo todos os gêneros possíveis de atração (telenovelas, mesas redondas, séries informativas, programas gravados, filmes, concursos, vídeos etc.), cujo conteúdo gere uma consciência que permita enfrentar as dificuldades de cada município da República Mexicana. Isto significa ter de se elaborar através da televisão novas políticas de programação e, para tanto, de educação formal e informal do público, partindo da localização e identificação dos conflitos objetivos que determinam a vida dos telespectadores.

Caso contrário, se não efetuar-se essa urgente e estratégica racionalização do fluxo televisivo, continuarão produzindo monumentais volumes diários de informação desnecessária, que não se relacionam com as exigências e necessidades do público receptor, desviando e atomizando as suas consciências, além de evitar o progresso social dos mesmos, com o conseqüente retrocesso humano.

Acreditamos que de nada servirá o enorme esforço administrativo, político, tecnológico, de capacitação de recursos humanos, criativo, de reorganização, de mobilização, de inversão etc., que exige a regionalização da televisão, se toda essa infraestrutura não é enfocada na mudança de nossa mentalidade sobre os grandes problemas nacionais. Se a televisão não serve para isto, nos perguntamos que sentido pode ter sua presença no país? Se a televisão somente colabora para o entretenimento, divertimento e a informar, porém, não contribui para a transformação humana da população - como justificá-la? Se não é útil para esses fins, porque não dar vez, então, a outras formas e estratégias de comunicação mais vitais, como são os encontros e reuniões de família e as relações pessoais tão abandonadas com a presença da televisão?

Para sugerir esta nova relação televisiva com seu público, acreditamos que é recomendável que as estações obedeçam aos sete procedimentos seguintes para regionalizar, organizadamente, a produção e distribuição de sua informação, em função das necessidades e do bem-estar que exige cada região em desenvolvimento do território mexicano.

1 — É necessário determinar os mapas de cobertura televisiva que abarca cada estação, para conhecer com precisão os tipos de público que cobre.

2 — É fundamental conhecer os hábitos de exposição televisiva que praticam os receptores, assim como o uso grupal e pessoal que se faz da informação que recebem.

Já localizados os públicos e suas tendências culturais, se requer examinar o perfil do estado de vida particular de cada setor. Para isso, é imprescindível considerar a articulação de um grande número de indicadores que condicionam o desenvolvimento dos grupos sociais, como são as taxas de crescimento demográfico, a composição por sexo e idades, a superfície territorial que ocupam, a densidade da população, o meio urbano e rural, os hábitos alimentícios, o percentual da população ativa e inativa, a distribuição de renda, o nível

de alfabetismo e analfabetismo, as características das moradias, a tradição familiar, os sistemas de cultivos, diagnóstico da saúde, o papel e influência da religião, manifestações culturais da comunidade, a situação ecológica, as formas de produção, as estruturas mentais etc., para priorizar as necessidades que tem que abordar nos diferentes núcleos de receptores.

4 — Uma vez determinadas as prioridades de desenvolvimento, terá que unificar os problemas por regiões similares para elaborar uma regionalização de tratamento informativo do país, através da televisão. Essa abordagem deverá distinguir a presença de conflitos estruturais, onde estão localizados os problemas de longa duração e os conjunturais, que aparecem repentinamente e desaparecem em curtos períodos.

5 — Já definida a regionalização (distribuição por área/zona) televisiva do país por necessidades de desenvolvimento deverá elaborar-se, junto aos órgãos governamentais especializados (por área profissional) e com a participação da sociedade civil, pacotes de informação adequados aos interesses da comunidade, com uma apresentação mais atrativa (telenovelas, concursos, programas espetaculares etc.), para a discussão dos diversos problemas que impedem o progresso regional do país. Assim, por exemplo, na região Norte, através da informação veiculada nos meios de Comunicação, tem-se que prevenir a sociedade para que se adote as precauções necessárias para evitar na primavera e verão, especialmente entre a população infantil, os perigos da desidratação e das enfermidades infecciosas, como a tuberculose e a gastroenterite. Da mesma maneira, durante o inverno, tem-se que alertar o público para proteger-se dos males da bronquite e doenças respiratórias que têm-se convertido na primeira causa de mortalidade nessa área.

Na região Centro, se requer instruir massivamente os agricultores e pecuaristas para se defenderem do gusano barrenador (larva, verme) que provoca volumosas perdas anuais em mais de um milhão de cabeças de gado. Da mesma forma, é fundamental capacitar permanentemente os produtores de frutas cítricas para combater a mosca da fruta que ocasiona enormes perdas nas economias locais etc.

No Vale do México e nas principais cidades do interior do país tem-se que evitar que a população continue concentrada no Distrito Federal, onde até o momento se aloja 22% da demografia nacional, somando-se mais de 17 milhões de habitantes, e aglomerando-se anualmente mais de 900 mil pessoas extras que emigram do campo.

Isso fará com que a cidade do México, no ano 2000, seja a maior do mundo, estendendo-se até Toluca, Chalco e Texcoco. Da mesma maneira, é prioritário educar os cidadãos do Distrito Federal, para que canalizem pelas vias adequadas o despejo de 3 mil toneladas de lixo, que diariamente são abandonadas em vários lugares indevidos da cidade, provocando com isso a poluição ambiental e a proliferação de milhares de ratos.

Da mesma forma, é fundamental formar uma cultura de aproveitamento racional dos recursos naturais, especialmente da água, pois cada consumo extra custa um milhão e duzentos mil pesos, e se desperdiça cerca de 30% do volume destinado à cidade do México. Somente nos banheiros se gastam 700 milhões de litros diários, que são suficientes para atender à demanda de 800 mil moradias.

Na região Sul é urgente um processo de conscientização ecológica para proteger diversas espécies animais em extinção, como são os quelônios, o camarão, o manti, o veado, o lagarto, o cordoniz, o faisão, os vários tipos de peixes e tantas outras espécies. É preciso proteger drasticamente as matas, onde a devastação e a queima de árvores provocam perda de 80 mil metros cúbicos de reservas verdes.

É urgente a capacitação dos apicultores para enfrentarem a iminente entrada da abelha africana, que ameaça aniquilar a indústria de mel no país e prejudicar nossa nação como o terceiro produtor mundial desse produto.

Por todo o território nacional é necessário atenuar o alto índice de enfermidades respiratórias, que têm causado sérios problemas à população, ocupando o México o terceiro lugar mundial nos casos dessa doença. Há que se modificar os hábitos alimentícios contraídos por costumes sociais e concepções culturais equivocadas que têm criado mais de 20 milhões de mexicanos obesos com a saúde prejudicada. É urgente atender aos 65% das crianças menores de 5 anos, que atualmente encontram-se desnutridas, bem como aos 35 milhões de adultos subalimentados. Da mesma forma, há que se reduzir o crescimento da natalidade das cidades médias (4,5%) e naquelas excessivamente concentradas como são Guadalajara, Monterrey e área metropolitana (3,9%).

Também é prioritário controlar a expansão do alcoolismo no país, pois o custo social é tão alto que 6% da população adulta é vítima dessa enfermidade; 35% dos atos delituosos se relacionam com esse vício; ela provoca a perda de 36 mil horas de trabalho por mês e é

causa de 17% dos suicídios; gera 12% de falta ao trabalho e já se coloca a cirrose hepática entre as dez principais causas de mortalidade da população em geral. É fundamental proporcionar o apoio cultural para a produção de alimentos, pois, ao invés de sermos um país tradicionalmente exportador de grãos, nas últimas décadas nos convertemos em importador.

Assim, em 1985, compramos ao exterior 8,1 milhões de toneladas de alimentos e tivemos um déficit de 2 milhões de toneladas de óleo, o que coloca seriamente em perigo nossa soberania alimentar.

Também é urgente a formação de uma consciência antimachista, que controle mais de 60 mil violações anuais praticadas contra as mulheres mexicanas, ou que evite que 87% delas se encontrem sem emprego, porque seus patrões não querem capacitá-las "pois podem casar-se ou engravidar de um momento para outro" e isso representa perdas consideráveis em horas de rendimento para as empresas. É preciso que se permita que a mulher possa desenvolver, em todo o esplendor de sua inteligência, seus direitos para modificar a vida quantas vezes quiser.

Essas informações devem ser divulgadas de maneira seletiva, segundo as problemáticas de desenvolvimento apresentadas por todo o território mexicano. Para isso, contamos com a moderna infraestrutura de transmissão regional que oferece o Sistema Morelos de Satélites, através do qual se pode gerar um novo projeto de programação nacional, cuja informação se vincula com os processos de solução municipal das principais necessidades que persistem no meio da população.

Até o momento podemos afirmar que o funcionamento global da TV através da Rede Federal de Micro-ondas tem permitido que os diversos telespectadores do país tenham sido tratados de forma homogênea. Com alta direcionalidade informativa, que proporciona a *banda K* do Complexo Morelos, os distintos núcleos receptores podem ser abordados paralelamente em todo o país de forma diferenciada.

Isto possibilita tecnicamente que o projeto cultural da televisão se regionalize em todo o território e que, com isso, se solucione, pela informação, os diversos conflitos sociais existentes nas numerosas comunidades marginalizadas na República Mexicana. Isto levará a TV a uma nova fase histórica de evolução: o fomento ao desenvolvimento nacional e regional.

Pensamos que esse novo progresso material, que a revolução técnica científica proporcionou à radiodifusão, não deva ser utilizado para o apoio de irrelevantes atividades tradicionais, como tem sido o fomento ao simples entretenimento, à diversão e à comercialização, pois seria um desperdício desse importante avanço cultural. Sem dúvida alguma, reafirmamos que, devido à acelerada decomposição social que vive o país, esse avanço deve ser aproveitado para impulsionar o desenvolvimento das múltiplas regiões atrasadas do território nacional.

6 — Simultaneamente a esta ação se deverá implementar um programa permanente de avaliação da mudança de atividades e de modificação dos conflitos originais em cada região do país, extraídos da comunicação via televisão.

7 — Finalmente, haverá necessidade de um processo de alimentação e adaptação sistemática da produção de conteúdos culturais às novas circunstâncias diante das investigações sobre os graus de consciência adquirida e da mudança de comportamento dos telespectadores.

Sintetizando, acreditamos que, na atitude que adotaram as emissoras de televisão diante do terremoto, se encontram as sementes do modelo de televisão que os canais devem manter frente ao seu público. É por isso que a sociedade civil deve criar, a médio e a longo prazo, através da televisão, uma atmosfera cultural que retome a nova hierarquia de valores humanos surgidos em dias passados com os sentimentos mais puros da sociedade, para que orientem o processo de reconstrução do país e combatam, com isso, a devastadora voragem cultural que produzem os meios de comunicação comerciais sobre nossas consciências. Do contrário, se não se produzir essa nova concepção cultural, voltará a se viver a profunda contradição entre cultura nacional e projeto de desenvolvimento global que tem-se arrastado nas últimas década. Cada um se dispersará por caminhos diferentes: a cabeça social avançará por um lado e o corpo social por outro.

Não podemos esquecer que a criação de uma nova sociedade requer a produção de um novo eixo cultural, e este, em nosso país, acreditamos que, atualmente, gira em torno da renovação dos meios de comunicação social.



Impressão e Acabamento

**GRÁFICA E EDITORA FCA**

*com filmes fornecidos pelo editor.*

AV. HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO, 3972 - TEL.: 419-0200  
SÃO BERNARDO DO CAMPO - CEP 09700 - SP